

ESCRITA DE SINAIS III





ESCRITA DE SINAIS III

Marianne Rossi Stumpf

Ementa:

Processo de aquisição da leitura e escrita de sinais. Construção de dicionário escrita de sinais e português. Alternativas didático-pedagógicas para o ensino da escrita de sinais conforme a faixa etária dos alunos: infantil, juvenil e adulta. Estudo de expressões literárias próprias da cultura surda.



UNIDADE I

PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA DOS SINAIS

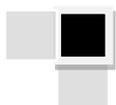
A importância histórica da escrita

Após a metade do século XV, as nações europeias absolutistas, apoiadas pelas instituições religiosas que centralizavam seu poder nas cortes, procuravam impor uma formação social hierárquica ao resto da sociedade. No entanto, esse ideal de ordem encontrou fortes resistências nas velhas cidades europeias. Com a descoberta da América Latina as monarquias viram nos territórios recém-conquistados uma oportunidade de transferir seus princípios reguladores que evitariam mudanças na ordem social planejada e idealizada.

As principais normas referiam-se à educação dos nativos, para tal, os missionários passaram a estudar as línguas nativas com um único fim: a divulgação religiosa no ambiente indígena. Paralelamente ao projeto de evangelização dos nativos, cabia, também aos jesuítas, atender as necessidades de outra parcela da população que aumentava de forma considerável: a dos brancos nascidos na nova terra, tidos como aqueles que possuíam “ maior aptidão” para a escrita e que representavam as classes de poder.

Com a desculpa de “aperfeiçoar” as línguas nativas, visavam, com essa prática, alcançar outro objetivo: a transformação das línguas nativas nos moldes daqueles da gramática europeia descaracterizando assim os instrumentos culturais próprios da população, impondo-lhes os modelos europeus de divisão social. Assim, os letrados, mais do que transmissores, passaram a ser também, produtores intelectuais das mensagens ideológicas, assumindo-se como modelos.

A escrita continuou reservada aos letrados e proibida à população nativa da América Latina até meados do século XVIII, contrariando os movimentos de democratização da leitura e da escrita que ocorriam na América Inglesa e que enfatizavam a leitura (principalmente da Bíblia) pelas famílias, desenvolvendo, para tal, a educação primária. Desde então se distanciaram os processos evolutivos desses povos com grande desvantagem para os Latino-Americanos.



A história da constituição da América Latina retrata um cenário que, infelizmente, nos é bastante familiar: o domínio da linguagem escrita ainda permanece restrito a uma minoria de privilegiados. Por seu intermédio busca-se o apagamento das diferenças, a homogeneização linguística, que desvaloriza, ao não considerar as diversas linguagens sociais..... incluindo-se, os surdos, os indígenas, os cegos (GOÉS; LOPES, 2004, p. 24).

Aspectos Sociolinguísticos

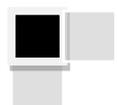
Nossa sociedade valoriza fortemente a escrita que tem um papel fundamental para a inserção social. Nunca a leitura e a escrita tiveram um lugar tão importante como nos tempos atuais. A pessoa que não tiver acesso ao processo de letramento terá um fator importante contribuindo para sua discriminação e exclusão social. A língua escrita ocupa um lugar fundamental que lhe é dado pelo social e pela importância que se atribui na comunidade.

A escrita e leitura da língua de sinais está para os surdos como uma habilidade que pode lhes dar muito poder de desenvolvimento de sua cultura. Pode também lhes permitir muitas escolhas e participação no mundo. Durante todos os séculos da civilização ocidental, a escrita própria fez falta para os surdos, sempre dependentes de ler e escrever em outra língua que não podem compreender bem, vivendo com isso uma grande limitação.

Vygotsky, (1989, tomo 5) aponta que a educação especial não deve simplesmente oferecer programas da escola regular em forma reduzida, com seus métodos atenuados e simplificados, mas se deve colocar a tarefa de criação, de realização de formas próprias de trabalho que respondam às exigências particulares de seus alunos, verificando as características positivas das crianças e trabalhando sobre estes pontos.

A leitura e escrita dos sinais pelo sistema *SignWriting* correspondem claramente às exigências próprias dos surdos para a plena aquisição dessas habilidades como também constituem um processo criativo capaz de transformar uma história contínua de inadequação curricular.

Em relação à aprendizagem da língua de sinais pelos ouvintes, Leite (2008, p. 255) escreve que a ausência da escrita de sinais resulta em dificuldades adicionais para os alunos



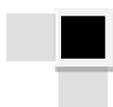
ouvintes. “Desprovidos de um instrumento habitual de registro, de reflexão e de compreensão das aulas, restavam aos alunos duas opções, nenhuma delas satisfatória: não fazer qualquer anotação e apoiar-se apenas na memória para estudar os conteúdos ensinados na aula; ou então fazer um registro escrito utilizando-se a Língua Portuguesa como meio de descrição da Libras, o que naturalmente resultava em anotações pouco claras e precisas.”

É impossível falarmos de novas propostas de ensino de escrita para surdos sem falarmos em currículo. O bilinguismo permite a entrada da escrita de sinais sob uma nova maneira de ensino, de aluno e de prática. Hoje, a escrita de sinais se encontra num lugar de rejeição pela maioria da comunidade escolar, por entender a proposta como trabalhosa para os professores e tornando mais difícil e longo o caminho da aprendizagem do português escrito pelos surdos.

Percebemos as relações de poder e, como comenta Tadeu Silva, “a escola opta pelo consensual, o assegurado o congelamento e a estabilidade em prejuízo de toda experimentação que torne difícil o retorno do eu e do nós ao idêntico” (SILVA, 2009, p.100). Mesmo no currículo das poucas escolas para surdos existentes e dos cursos de libras ou pedagogia para a educação de surdos a disciplina de escrita de sinais é pouco presente.

Erika Lima Silva, em recente apresentação de projeto de mestrado: *A escrita da língua de sinais nos currículos escolares para surdos* (2012, UFRGS) sobre a escrita dos sinais relata que imagina uma sala de aulas onde o surdo está querendo construir uma escrita, e apesar de seus pedidos insistentes para que o professor mostre exemplos que facilitem sua compreensão, o professor se recusa, deixando o aluno preso em gramaticais do português que não compreende.

O professor e o sistema educacional acabam estriando o espaço do pensamento do aluno, não permitindo que ele continue a pensar. Já numa aula de escrita de sinais, o aluno terá como efetuar as combinações de sinais que deseja e conseguirá “se mover” no pensamento, há um alisamento do espaço. (conceitos de espaço liso e estriado a partir de Deleuze, filósofo francês). Erika Lima Silva acredita ser necessária a interdisciplinaridade que permita ao professor utilizar a escrita de sinais em outras disciplinas, fazendo com que os alunos se sintam mais aptos a produzir suas escritas e fazer seu pensamento se traduzir em texto. Ela pergunta: “Se a proposta é abrir-se ao outro, com todas as suas diferenças e multiplicidades quando a escrita de sinais estará em todas as escolas, com seus currículos, abertas à experiência de escrita desse outro, que é o surdo e sua língua de sinais escrita?”



Aspectos linguísticos

De uma maneira geral, entende-se que basta o aluno estar alfabetizado para que seja capaz de compreender e extrair informações de textos, atividade para a qual ele, possivelmente ainda não esteja preparado. Este pode ser um dos motivos geradores de um sentido de derrota e desânimo frente à leitura, provocando um distanciamento cada vez maior da sua prática.

Sob o ponto de vista psicolinguístico, ler é um processo que se inicia em nível perceptual, no momento em que o leitor fixa os símbolos na retina, e prossegue rumo à compreensão da mensagem contida no texto (GOUGH, 1976).

O empenho para atingir a compreensão da leitura é um processo que envolve toda a mente com seu depósito de conhecimentos prévios. Este conhecimento decorre das experiências vividas pelo leitor ao longo de sua vida e se soma às abstrações que ele realiza. A capacidade de o leitor inferir detalhes que não foram explicitamente mostrados e proceder a uma seleção de esquemas que darão conta daquilo que é ou não adequado para a compreensão daquele texto é o que possibilita a leitura com compreensão.

A compreensão de um texto, então se caracteriza, pela leitura dos códigos associada ao acionamento do conhecimento prévio. É pelo conjunto de vários níveis de conhecimento, como o linguístico, o textual e o conhecimento do mundo que o leitor encontra coerência.

Esses pressupostos para a leitura e escrita aplicam-se tanto aos surdos como aos ouvintes, tanto ao falante do português, como do inglês como ao usuário de uma língua de sinais. Sua leitura e sua escrita vão depender de como individualmente ele for dotado desses conhecimentos prévios. Para o surdo o conhecimento linguístico é fornecido pela língua de sinais e sua escrita deve poder mapear essa mesma língua. A mudança para a leitura e escrita de outra língua como o português significa que a leitura dos códigos é feita em uma segunda língua e a abstração na primeira.

Há técnicas conscientes que o leitor pode aplicar em sua atividade de leitura para conseguir compreender um texto. Essas técnicas chamamos *metacognitivas* e são atividades conscientes que o professor pode utilizar com seus alunos para desenvolver suas capacidades. Por exemplo, reler o parágrafo e o texto com atenção, procurar reconhecer o significado das palavras, prestar mais atenção às palavras que transmitem maior informação, tentar substituir palavras por outras equivalentes, avaliar a qualidade de sua própria compreensão.



Todas estas práticas evoluem, não só acompanhando os estágios de desenvolvimento do indivíduo, como também derivam das atividades escolares voltadas à leitura. Elas são posteriores à habilidade de leitura entendida como alfabetização quando a pessoa já automatizou o reconhecimento da correspondência grafema-fonema ou símbolo do sinal X sinal.

A escrita dos sinais

Joe C. Martin, em seu trabalho de mestrado em linguística, **“A escrita das línguas sinalizadas”** apresentado em 2007, na Universidade de South Carolina, nos proporciona uma análise linguística muito profunda sobre aspectos linguísticos da escrita das línguas de sinais. Sua dissertação se encontra no site de *SignWriting*.

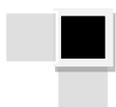
Vou destacar alguns itens que me pareceram significativos para nosso estudo da escrita dos sinais pelo sistema de escrita *SignWriting*.

“As línguas naturais, seja sinalizadas ou faladas, são inteiramente distintas dos códigos inventados mais tarde para representá-las depois que elas surgem. Assim como existem códigos, usando os pontos e traços de *Morse*, as bandeiras, as cores dos semáforos; há códigos, usados para representar sinais manuais. Um destes representa o inglês sinalizado, há também japonês sinalizado, Português sinalizado e assim por diante. Mesmo que eles usem sinais e símbolos de código, esses códigos não representam as línguas gestuais naturais nem as línguas faladas. Eles pouco têm a ver com a linguagem natural sinalizada.

Apesar de compartilharem a mesma área geográfica, as línguas *Shuwa* e o japonês são radicalmente diferentes em sua gramática, morfologia e sintaxe. O mesmo é verdadeiro em relação à Libras e ao Português, ou a ASL e o Inglês. De fato, Inglês, provavelmente tem mais em comum com o Japonês ou outra língua falada, do que com a ASL diferentes em sua gramática, morfologia, sintaxe e, sobretudo, modalidade.

Um grande corpo de pesquisas acumuladas ao longo dos últimos quarenta anos, conclui que a linguagem humana não está limitada ao meio som e assinala que as línguas faladas em todos os idiomas têm estruturas (partes linguísticas) equivalentes, em todos os sentidos. (VALLI; LUCAS, 1995).

O fato de que todas as línguas estudadas até agora apresentam uma representação alfabética reflete esse modo básico da organização linguística (KENSTOWICZ, 1993, p. 13). A

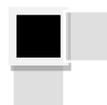


incapacidade de fazê-lo no caso de uma determinada linguagem implica uma diferença no nível básico estrutural, e tal diferença solicita uma explicação em termos de estrutura fundamental. Não houve notícia de que essa diferente explicação tenha sido oferecida à ASL ou a qualquer outra língua de sinais. Aceitar que as línguas de sinais são línguas humanas e dizer ao mesmo tempo que para elas não é possível a manutenção de um sistema de escrita é uma posição teórica insustentável.

Mesmo que representem todas as informações fonéticas necessárias os sistemas propostos para as línguas sinalizadas são muito difíceis de ler. Muitos sistemas de anotações podem ser laboriosamente decifrados, mas você realmente não pode chamá-los leitura, de acordo com um investigador (VAN HOEK, 1999), enquanto outro descreve o uso do Hamnosys como "...absolutamente insuportável..um novo nível de dor" (PARVAZ, 2004). Tais sentimentos têm levado a um consenso de que as línguas de sinais não podem ser escritas e devem ser registradas apenas em vídeo. O próprio Stokoe sugere que o sinalizado não pode ser escrito (STOKOE, 1987, p. 118). Diz: usamos a notação proposta para formalismos e representações gráficas na investigação linguística.

Nenhum sistema de escrita teve sucesso fora do laboratório de pesquisa, embora todos eles sejam baseados em comprovados procedimentos estruturalistas. Todos decompõem o sinal em partes, atribuem significado a cada símbolo e organizam os símbolos em ordem linear na página. Todos eles identificam o mesmo tronco linguístico, os parâmetros: configuração da mão, localização, movimento, orientação e às vezes expressões faciais.

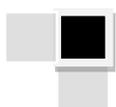
O consenso geral de que as línguas de sinais não podem ser escritas é problemático por duas razões. Por um lado, parece ser contrariado pela prática. Temos vários exemplos de práticas relatadas com o uso do sistema de escrita *SignWriting*. Por outro lado, levanta problemas para a teoria linguística. A noção de que línguas de sinais não podem ser escritas contradiz um pressuposto elementar no campo da linguística de que todas as línguas podem e devem ser escritas. Dado assumido por todos os linguistas de que qualquer enunciado simbólico em qualquer língua pode ser corretamente representado, independentemente de qualquer conhecimento adicional sobre ela, em uma transcrição fonética estreita. Cada linguista reconhece que segmentos discretos, segmentados, em sua representação fonética correta são um absoluto pré-requisito para qualquer trabalho. (POSTAL, 1968, p. 6).



As posições teóricas de linguistas têm uma enorme influência sobre os surdos, os principais usuários de línguas sinalizadas. Ao longo da história, as pessoas surdas lutaram até serem reconhecidas como plenamente humanas. Aristóteles considerava-os incapazes de discurso racional e incapazes de aprender (BEARE, 2004, p. 2). A Contraprova foi ignorada, como o livro de Pierre Desloges elogiando sua próspera comunidade surda e a sua própria linguagem de sinais, em 1779 em Paris. (LANE, 1992, p. 107). Finalmente justificada pelo trabalho da moderna ciência linguística com Stokoe, eles começaram uma luta por direitos civis da mesma forma que outras minorias culturais e linguísticas. É uma luta inglória (DANIELS; BRIGHT, 1996). "Todos os seres humanos falam", afirma Coulmas. Não há nenhuma sociedade conhecida que não tenha discurso. Se uma for encontrada, algures nas montanhas da Nova Guiné ou na floresta tropical do Brasil, seríamos forçados a alterar a nossa concepção de humanidade drasticamente.

Qualquer discussão deve partilhar um conjunto de pressupostos teóricos, a perspectiva que adotamos pode ser estranha para alguns que nunca trabalharam com línguas de sinais e não estão familiarizados com a ciência linguística. Ela exige a aceitação da ideia de que linguagens visuais, das quais a libras é apenas uma entre muitas, são línguas como quaisquer outras línguas. As ramificações deste fato são muitas e significativas e não podem ser imediatamente aparentes. Isto significa que estas, línguas, inventadas por ninguém, evoluem através de processos naturais de mudança histórica e distinções geográficas e sociais que dão origem a variedades regionais, dialetos e novas línguas e famílias linguísticas. Cada uma tem suas próprias regras complexas de gramática e formação de palavras que se impõe expressando-se em gestos, como os ruídos geram sinais originais que representam conceitos únicos e muitas vezes são difíceis de traduzir em outras línguas. Aceitar essa premissa força uma mudança de perspectiva em quase todos os aspectos dos fatos linguísticos.

Não se pode discutir a língua de sinais sem ouvir a oposição inevitável que línguas de sinais não podem ter fonologia porque fonologia refere-se ao som. Na verdade, isso não deve ser um problema, mas já que é muitas vezes levantado torna-se necessário abordá-lo. O fato do nome em latim "phon" para o som não deve incomodar mais do que o fato de que falso originalmente se referia a um anel banhado a ouro, ou que a Groenlândia fica coberta de gelo. Este é o processo básico e inevitável da linguística; o da mudança semântica, "quando uma palavra passa de um conjunto de circunstâncias para outro (CRYSTAL, 1987, p. 330).



Por exemplo, quando os primeiros Escandinavos avistaram terra firme surgindo do gelo no Atlântico Norte, que nomearam Groenlândia, aquilo que mais impressionou a maioria foi que a terra era verde, a terra (*land*) verde (*green*). Mais tarde, quando nevou, eles descobriram que essa terra pode ser toda branca, mas não mudaram o nome para terra branca, porque as línguas não funcionam dessa maneira. Da mesma forma, quando os linguistas estudaram as menores unidades das palavras, o que mais os impressionou foram os *phons*, (fonemas) as menores unidades (de som). Mais tarde, eles descobriram que essas unidades menores podem ser imagens visuais, mas não havia necessidade de renomear essas unidades menores.

Assim como os escandinavos, no caso do verde ou branco, sabiam que estavam conversando sobre aquela terra. Quando os linguistas falam sobre as menores unidades, sejam elas auditivas ou visuais, estão nomeando um nível da estrutura da linguagem.

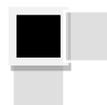
Por definição, a linguagem humana é composta de vários níveis: fonológicos, morfológicos, sintáticos e os níveis de discurso (ou pragmática). Todos eles são necessários, pois a comunicação não é reconhecida como uma linguagem humana integral, se qualquer desses níveis estiver faltando. Cada nível oferece suporte a um argumento lógico, como aqui oferecemos para a fonologia das línguas de sinais.

- (1) Todas as línguas têm fonologia
- (2) A libras é uma língua
- (3) A libras tem fonologia

Quando dizemos que uma língua tem fonologia não estamos nos referindo ao som, nós estamos dizendo que a língua tem: "Um conjunto finito de unidades de sentido contrastivo que combinam de forma limitada para formar morfemas e palavras significativas, e que as representações mentais desses itens lexicais podem diferir de maneira previsível e discretamente em suas realizações" (SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006).

Não há equidade para distinguir entre instâncias fonéticas e visuais quando alegam os mesmos processos ou estruturas em diferentes meios que são realmente diferentes em seus processos de articulação e ninguém faz essa reivindicação de outros níveis quando tratamos da palavra Groenlândia, por exemplo, esse problema não se coloca.

Pode ser tentador criar novas condições de nomeação para todo um processo quando ele ocorre e é uma novidade. William Stokoe fez isso quando cunhou o termo quirêmico para a



fonologia da ASL. No entanto, esta terminologia foi abandonada, como ele assinala, porque pensou que iria perder a generalização de que o mesmo processo está ocorrendo, e dá a aparência de diferença onde não existe.

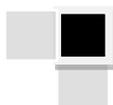
Existe ceticismo em relação à escrita das línguas visuais, persiste a falta de mais estudos empíricos. A literatura apresenta poucas pesquisas publicadas, cadastram-se contra a escrita, apenas opiniões afirmando que o *Ham No Sys* e *scripts* similares não foram aprovados.

Após o sucesso inicial das primeiras experiências de Sutton com o sistema *Sign Writing* de escrita de sinais ela continuou, com um grupo de surdos sinalizadores nativos, para formar o Comitê de Ação Surdos Sem Fins Lucrativos (DAC) e sob a sua orientação o sistema de escrita evoluiu naturalmente em sua forma atual. Continuamente ganha adeptos, principalmente entre os educadores. Até o ponto que hoje o sistema é usado em mais de quarenta países. Seu sucesso mais visível pode ser a Língua de Sinais da Nicarágua Projeto em Bluefields, na Nicarágua, onde está cumprindo todas as exigências de um típico programa escolar (<http://www.unet.maine.edu/courses/NSLP/>). Todos os livros didáticos e literatura são impressos e o trabalho acadêmico realizado em indígenas de língua gestual ISN (Idioma de Signos Nicaragüense), inclui no seu currículo o ensino da língua falada, o espanhol, como segunda língua em sua forma escrita (EMMOREY, 2002).

Voltando ao trabalho de Joe Martin, ele conclui que os resultados de sua pesquisa afirmam que não só a alfabetização em língua de sinais é possível, mas que é qualitativamente idêntica à alfabetização na língua falada que, apesar de diferenças superficiais na forma entre os meios de comunicação visual e auditiva, o processo de alfabetização se baseia nos mesmos recursos cognitivos e usa as mesmas capacidades psicológicas em qualquer meio.” (tradução de trechos do trabalho que pareceram interessantes à pesquisadora).

O trabalho de adaptação do *SignWriting* à Libras foi a primeira etapa de uma caminhada que a comunidade surda brasileira, com o apoio de pesquisadores, deverá ainda empreender para conseguir uma escrita que dê conta de todas as suas necessidades em sua própria língua.

Como a escrita de sinais é uma escrita recente é necessário registrar de uma forma detalhada os sinais constituindo uma escrita e leitura demoradas. A alfabetização nas línguas orais, embora também seja um processo demorado, e muitas vezes não alcançado, tal acontece



por outros fatores que não a leitura dos códigos que já estão estabilizados e organizados de forma muito econômica. Mas com o reconhecimento da funcionalidade da escrita de sinais para os surdos já começam a surgir pesquisas que mostram que a mesma quando objetiva uma comunicação de entendimento mais rápida, pelos Surdos no dia a dia, utilizam a escrita de sinais numa escrita simplificada.

Wanderley (2012) relata em sua pesquisa a observação de que quando os iniciantes aprendem a escrita de sinais se preocupam com maior colocação de categorias, mas depois que terminaram a disciplina da Escrita de Sinais III, após quatro anos dos estudos, aqueles que continuam pesquisando no *site*, livros, e instituições de ensino reduzem os símbolos pela evolução de seus conhecimentos. Estas escritas vão se tornando padrão, sem se convencionar, ela percebeu que a maioria dos que sabem, estão simplificando pelas mesmas escolhas de elementos por naturalidade de aceitação. Vejamos em detalhe o exemplo colocado pela autora da pesquisa.

Exemplo da escrita anterior e atual que foi excluída, mas as duas estão corretas:

Movimento excluído na atual



Figura 1 – Meu ou Minha

Rosto excluído na atual

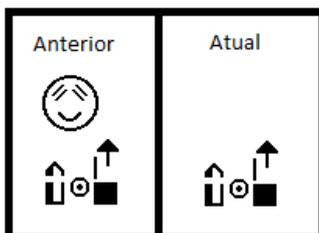


Figura 2 - Perguntar



Dedos excluídos na atual

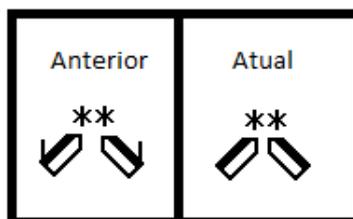


Figura 3 - Casa

Configuração de mão foi substituída por movimento de dedos e contato foi excluído na atual

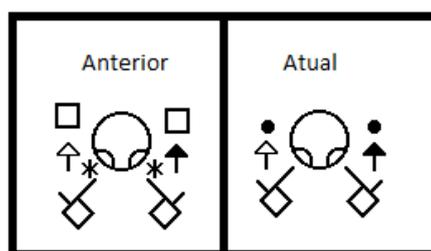


Figura 4 – Linguística

É interessante vermos como as características da escrita alfabética antiga eram distintas da escrita moderna, e podem ser comparadas com o uso atual da língua de sinais e escrita de sinais. Por exemplo, muitos textos escritos antigos mostram que os escritores não marcavam as diferentes partes do texto espacialmente: títulos, parágrafos, frases e até mesmo as palavras todas concatenadas uma ao lado da outra, sem espaço, pontuação ou qualquer tipo de marcação. Na escrita de sinais alguns desses marcadores já existem, pois os pesquisadores podem ir mais rápido por já terem conhecimento dos percursos das línguas orais.

A leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. O objetivo da escrita necessita ter uma base da leitura. Assim que ler e escrever são processos estreitamente ligados. A metodologia utilizada no processo de produção da escrita precisa ser cuidadosa com a leitura. Muitas vezes o professor dá muito mais ênfase à escrita do que à leitura, também precisa estar atento a se o aluno lê cada palavra sem perceber qual a coerência do texto, ou se escreve e entrega diretamente sem voltar a ler em revisão deixando de interagir com o professor e ficando com dúvidas. O professor Cagliari na citação abaixo explica muito claramente todo o processo:

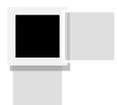
A leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. A leitura sem decifração não funciona adequadamente, assim como a decodificação e demais componentes, referentes à interpretação, se torna estéril e sem grande interesse. É falso dizer que se pode ler só pelo significado ou só pelo significante, porque só um ou outro jamais constituem uma realidade linguística. (CAGLIARI, 2002, p. 150).

Todo o objetivo da escrita é a leitura e quem vai escrever só é capaz de fazê-lo se souber ler o que escreve. Assim que a leitura trará uma habilidade que precede a própria escrita e que é uma maneira de se aprender o que é escrever e qual a forma ortográfica das palavras. Não pode ser um mais que outro, tem que dar valor a cada um para não perder o sentido, criatividade, reflexão, percepção e sensibilidade.

Com a valorização reconhecida da língua de sinais nasce a escrita de sinais, que em sua evolução pode chegar a equipara-se à língua oral, apesar das duas modalidades diferentes. No processo de alfabetização é possível conhecer como é o sistema da escrita, processo, método, regras, e o conhecimento da produção e da leitura. Temos trabalhos definidores de Ferdinand de Saussure revelando que o ato de escrever mostra a relação do signo linguístico como a união indissolúvel de um significante com um significado. O significante é uma palavra abstrata, o que se entende o que se ouve (língua oral) ou se vê (língua de sinais) sem que veja a imagem. O significado é o que se entende de um conceito principal através de um significante no pensamento da linguagem.

As escritas de tipo alfabético (tanto quanto as escritas silábicas) poderiam ser caracterizadas como sistemas de representação cujo intuito original – e primordial – é representar as diferenças entre os significantes. Ao contrário, as escritas de tipo ideográfico poderiam ser caracterizadas como sistemas de representação cuja intenção primeira – e primordial – é representar diferenças nos significados. (FERREIRO, 2001, p. 13).

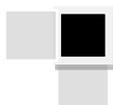
Cada vez que sinalizamos palavras, sentenças ou discursos inteiros, representamos conceitos. É importante reconhecer que a escrita de sinais não é ideográfica representando um objeto concreto com seu desenho. O sistema da escrita de sinais acompanha o que a língua de sinais oferece e comunica através da abstração.



Gostaria de terminar esse estudo da escrita dos sinais com um trecho muito bonito da dissertação de mestrado de Wanderley - **Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudo de casos com alunos surdos da educação básica e universitários surdos e ouvinte**. Ela, que é uma pesquisadora surda, escolheu centrar sua pesquisa sobre a escrita de sinais no lúdico, pois percebeu que para os surdos essa aprendizagem é prazerosa e pode ser desenvolvida sem angústia e com interesse num ambiente lúdico.

Wanderley escreve:

Abordar tema da escrita de sinais e do letramento gera muitas polêmicas, uma vez que fora da escola, quase não tem escrita de sinais, o que significa dizer que o letramento ainda não teve seu início para surdos. Enfatizo que ainda não começou, mas acredito que futuramente com as nossas lutas e nossas forças poderemos surpreender o Brasil para que reconheça verdadeiramente as duas línguas: Libras e Português, com o direito de se ter as duas escritas dentro da sociedade. Essa língua de sinais, apesar de não ser universal, já está avançada para comunicação mundial. Encontra-se em terceiro lugar, após inglês e o espanhol, que seguem em primeiro e segundo lugares, respectivamente. Nós devemos lembrar para merecer com o respeito, sobretudo porque os surdos nascem e na maioria das vezes em família de ouvintes, vivemos em sociedade, em todos os lugares que trabalhamos e estudamos, existem os ouvintes que se encontram incluídos. Experimentamos dois mundos diferentes e acontece o mesmo com os ouvintes que também tem interesse a conhecer nosso mundo. Por mais que nos surpreendam, alguns ouvintes pesquisam, estudam, já conhecem e são favor ou não a escrita de sinais.



UNIDADE II

ALTERNATIVAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DA ESCRITA DE SINAIS AOS ALUNOS CONFORME A FAIXA ETÁRIA: CRIANÇAS, JOVENS E ADULTOS

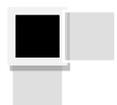
As línguas são representações simbólicas, quer seja uma língua oral ou uma língua gestual, assim como as suas escritas. Elas se constituem historicamente ao longo da evolução dos povos como construções coletivas que resultam em sistemas de representação.

Sobre **os sistemas de representação**, as análises de Ferreiro (1985), que acolhe a teoria Piagetiana, dizem que **esse é um processo seletivo que retém alguns dos elementos, propriedades e relações do real e que o omitido é aquilo que deve ser re-introduzido no momento de interpretar**. Ela diz ainda, quanto aos sistemas de representação, que a construção de uma primeira forma de representação adequada costuma ser um longo processo histórico, até se obter uma forma final de uso coletivo.

Quando a criança escreve, ela expressa suas ideias graficamente, por meio de um sistema cujo uso supõe a compreensão da sua forma de construção. Construir a escrita significa conseguir criar os elementos adequados à expressão das ideias e estabelecer entre eles a relação apropriada que reflita no texto a gramaticidade da língua. Para o usuário natural de uma língua, no caso as crianças surdas usuárias das línguas gestuais, essa compreensão da estrutura da língua acontece naturalmente ao ser posta em contato com sua língua gestual, como acontece com a criança ouvinte quando adquire a língua oral de seus pais.

Foi partindo da tese de que a criança surda não difere, em seu desenvolvimento cognitivo da criança ouvinte, que os teóricos do “Centre Déducation de L’ouïe et de la parole de Montbrillant, Suisse”, nos anos 80, **sustentaram a passagem de um ensino unicamente oralista para uma perspectiva de ensino bilíngue, tomando como referencial o Construtivismo Piagetiano**.

Considerando, a partir de Piaget (1947/1977), que toda criança constrói suas ferramentas intelectuais, sobretudo na ação e na experimentação e acrescentando do socioconstrutivismo, a



importância das relações sociais nas aprendizagens, demos particular atenção à participação ativa do sujeito e aos trabalhos de grupo, em nossas tentativas de propiciar às turmas de crianças e jovens, com quem trabalhamos, a aquisição do sistema de escrita *SignWriting*. (STUMPF, 2005)

A metodologia utilizada visa possibilitar o desenvolvimento da escrita da língua de sinais em momentos distintos de interação, inspirados no método de exploração crítica das situações experimentais, objetivando incorporar os conhecimentos das crianças e jovens nas atividades de aquisição do sistema *SignWriting*.

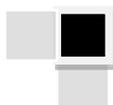
Partimos do interesse dos alunos despertado pelo próprio objeto de conhecimento, proposto por conversas em língua de sinais, para com a utilização dos recursos didáticos disponíveis, iniciarmos a apropriação do sistema *SignWriting* de escrita de sinais.

A progressão das hipóteses sobre a escrita segue a linha do desenvolvimento psicogenético que por sua vez reproduz algumas das etapas-chaves da evolução da história da escrita que vai do pictograma ao sistema puramente alfabético. Esse fato permite supor que é necessária uma série de processos e reflexões capazes de superar obstáculos para tomar consciência de certas propriedades fundamentais da linguagem.

Essas tomadas de consciência, acontecidas no plano social na evolução de uma escrita, desempenham um papel semelhante no caso individual que exige da criança, uma tomada de consciência do que ela faz com a linguagem quando sinaliza para, ajudada pelo professor, passar desse saber fazer empírico para um saber conceitual.

Estudiosos da alfabetização das crianças em línguas orais, de diversas nacionalidades propuseram várias etapas que precisam ser vencidas pelas crianças no desenvolvimento da leitura e da escrita. Com base na teoria Piagetiana, Ferreiro, (1982, 1985 e 1999) observa que a escrita infantil segue uma linha de evolução regular, dentro da qual podemos distinguir três grandes períodos e aponta que, graças à teoria de Piaget, pode descobrir um sujeito que reinventa a escrita, para fazê-la sua. Ela identificou no processo de construção do sistema de escrita três níveis que o caracterizam de forma ampla, sendo que em seu interior ainda cabem múltiplas subdivisões, das quais não iremos tratar, por serem construções específicas da escrita das línguas orais.

O primeiro período, conforme Ferreiro, caracteriza-se pela distinção entre os modos de representação icônico e não icônico. No segundo período acontece a construção das formas de diferenciação dentro da própria escrita, conforme Ferreiro, caracteriza-se pelo período do



controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativo e quantitativo. O terceiro período identificado por Ferreiro é a fonetização da escrita (que se inicia com um período silábico e culmina no período alfabético) para as línguas orais. Ele tem início quando a criança vai descobrindo quais as partes da escrita (as letras e sílabas) correspondem a outras tantas partes da palavra oral. Na escrita de sinais relacionamos esse período ao reconhecimento da correspondência entre os elementos do símbolo em *SignWriting* com as configurações de mãos.

Primeiro período

O primeiro período, conforme Ferreiro, caracteriza-se pela distinção entre os modos de representação icônico e não icônico. A origem gráfica comum do desenho e da escrita faz com que apareçam inicialmente, para a criança, como marcas indiferenciadas no papel.

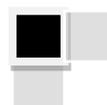
A distinção entre o que é próprio do desenho representativo e o que é parte da escrita começa a ser estabelecida a partir dos 4 anos.

Quando trabalhamos a alfabetização em *SignWriting* com crianças que estão sendo, ou já foram alfabetizadas na escrita da língua oral, iniciamos nosso trabalho observando se elas já estabeleceram essa distinção entre os modos de representação desenho e escrita.

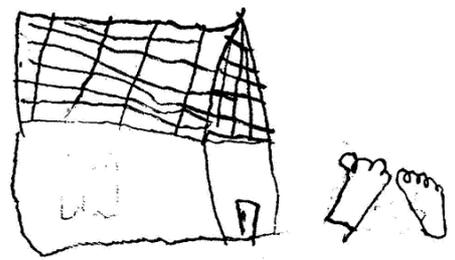
Para atingir esse objetivo, uma forma é mostrar um livro ilustrado de histórias infantis com escritas em língua oral que acompanhem as ilustrações. Contamos a história mostrando cada página. Dialogamos sobre a história, sobre as ilustrações e sobre as escritas. Reconhecemos que essas correspondem à língua oral. Em seguida, podemos pedir que elas tentem usar o papel para exprimir no caderno, ou em folhas brancas, sua compreensão da história, mas não podem escrever palavras do português.

As crianças não sabem que existe uma escrita de língua de sinais, não viram nada do sistema *SignWriting*, mas trabalhamos juntas em língua de sinais e eu sinalizei que era professora de língua de sinais e que comigo não iriam escrever as palavras da língua oral mas iriam escrever os sinais.

As produções das crianças, reproduzidas no exemplo abaixo, permitem observar que elas já diferenciavam o que é desenho, e o que é escrever a história. Mostram compreender também a possibilidade de uma representação escrita dos sinais diferente da escrita da língua oral.



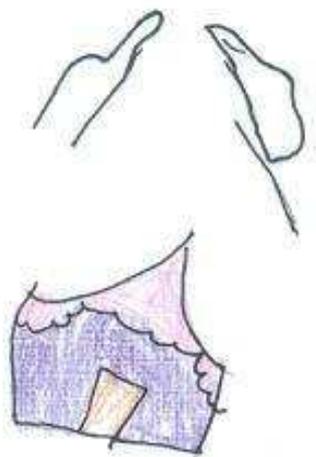
Nas produções podemos perceber que a diferença entre desenho e escrita está bem estabelecida, uma vez que desenharam os personagens e, ao lado, procuram representar os sinais desenhando as mãos, não aparecem letras ou palavras escritas em português. Eram crianças de uma escola de surdos, que estavam sendo alfabetizadas em português.



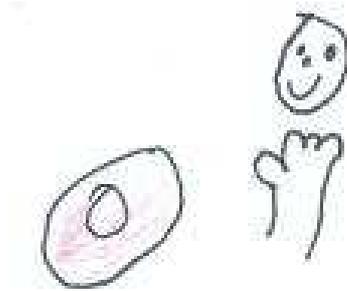
DESENHO E SINAL DE CASA



SINAL DE LOBO



SINAL DE CASA E MÃOS FAZENDO O SINAL DE CASA



SINAL DE COMER E DESENHO DE PRATO

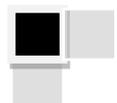
Segundo Período

No segundo período acontece a construção das formas de diferenciação dentro da própria escrita, conforme Ferreiro, caracteriza-se pelo período do controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativo e quantitativo.

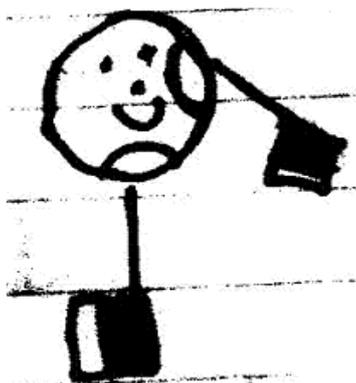
Depois que a criança consegue distinguir entre o desenho e a escrita ela começa a se preocupar e a construir hipóteses sobre as diferenciações que acontecem no interior de cada uma dessas linguagens. No caso da escrita da língua oral, as crianças dedicam um grande esforço intelectual na construção de formas de diferenciação entre as variações que se referem ao número de letras e a sua variedade.

Em nossa pesquisa a observação conjunta, professor e alunos, do trabalho das crianças que, ao contar a história, desenhavam mãos sinalizando é ponto de partida, para o diálogo seguinte que introduz a possibilidade do sistema *SignWriting* como representação da língua de sinais.

Conforme Piaget (1970) a função semiótica possibilita à criança representar um objeto ausente por meio de um símbolo, ou de um signo, e a representação nasce da diferenciação e da coordenação combinadas, correlatas entre significantes e significados. Ao trabalhar a leitura e a escrita dos sinais pelo sistema *SignWriting* as crianças precisam tanto interpretar, como produzir os elementos e suas relações, a partir da reconstrução do sistema. A forma de fazer isso é ir adquirindo a representação simbólica pela observação dos sinais escritos em suas relações com o sinalizado. Trabalhamos conjuntamente a escrita para que a criança atue, não somente lendo, mas também, desenhando e escrevendo no quadro e no caderno.



Pela produção escrita das crianças podemos identificar as primeiras tentativas de associar o desenho das mãos sinalizando a uma representação correspondente do sistema *SignWriting*. Como o sistema tem também referências ideográficas, muitos sinais escritos são reconhecidos rapidamente. A identificação começa a acontecer também em relação aos eixos quantitativo e qualitativo quando começam a perceber as diferenças existentes entre os diversos elementos que compõem um sinal escrito (a pilha).



Sinal para surdo em Libras

Terceiro período

O terceiro período identificado por Ferreiro é a fonetização da escrita (que se inicia com um período silábico e culmina no período alfabético) para as línguas orais, tem início quando a criança vai descobrindo quais as partes da escrita (as letras e sílabas) que podem corresponder a outras tantas partes da palavra oral.

Em nosso trabalho pensamos que esse período poderia ser relacionado ao reconhecimento da correspondência entre os elementos do símbolo em *SignWriting* com as configurações correspondentes do sinal manual. Os primeiros elementos a serem reconhecidos são os três símbolos básicos de configuração da mão: punho fechado, punho aberto e mão plana. Observamos essas configurações em cartazes manufaturados pelo professor e estabelecemos a correspondência dos três símbolos com as mãos sinalizando. Continuo explicando como são adicionadas linhas para os dedos nos mesmos símbolos básicos de configurações das mãos.

Procuramos associar o critério de fácil memorização do símbolo, com o critério de significado, para que o primeiro gesto escrito possa ser uma aprendizagem simples e prazerosa

para as crianças e também para os alunos maiores. Por exemplo, na Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico, o primeiro sinal trabalhado foi o de “mamãe” que, em Libras, corresponde ao dedo indicador estendido com a mão de lado, essa posição faz parte do grupo 1 do sistema *SignWriting*. Esse sinal possibilitou ampliar as experiências a serem relatadas pelas crianças e a gerar uma cadeia de sugestões de outros sinais, que fomos escolhendo, de forma a ir introduzindo o sistema de escrita, obedecendo ao critério de iniciar pelo grupo um e ir avançando ordenadamente na série de grupos até chegar ao grupo 10.



SINAL DE MAMÃE

Esse ordenamento não é rígido, pois permite o ir e voltar, nas construções do vocabulário, dos sinais e das frases, mesmo de pequenos textos. As leituras e construções vão avançando de forma natural de acordo com os interesses manifestados pelas crianças. No entanto a organização em grupos norteia as aquisições formais. O aluno desenhou o sinal do papai já usando, em parte, o sistema de *SignWriting*.



SINAL DE PAPAÍ

Embora exista o critério de ir avançando, no processo de aquisição da escrita na língua de sinais pelo sistema *SignWriting*, a partir dos dez grupos de configurações e, essa aprendizagem incluía a cópia de listas das combinações possíveis para cada configuração, essas sempre são apresentadas, antes da formalização em grupo, dentro do contexto do sinal escrito completo, que



compreende a expressão facial, a configuração de mão, os símbolos de contato e de movimentos. A formalização vem num segundo momento quando os alunos já entenderam bem do que se trata.



Figura: Símbolos de Configuração de mãos do grupo um



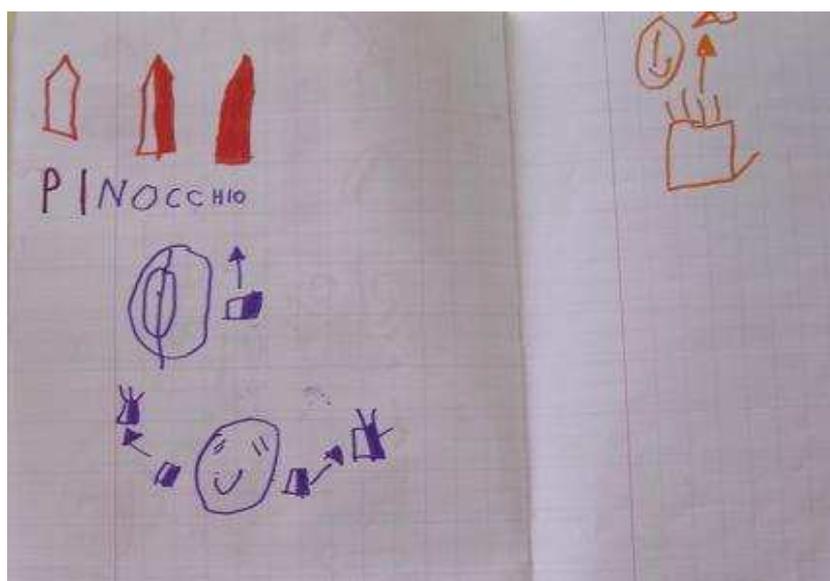
Figura: SINAIS ESCRITOS EM LIBRAS E PALAVRAS EM PORTUGUÊS

Incentivamos ainda, a cópia dos símbolos já construídos pelos alunos, ou já apresentados a eles, como forma de aumentar a possibilidade de retenção na memória de cada um dos detalhes específicos de um símbolo já compreendido.

A cópia de modelos perfeitos não apenas amplia o número de leituras de formas corretas, como estimula, de maneira natural, o processo de análise estrutural, que permitirá fazer com que ocorra a leitura real. O ensino da escrita poderá acontecer concomitantemente, ou não, ao processo da escrita dependendo do nível da habilidade motora do aluno. Segundo Piaget (1947/1977), o período perfeitamente propício à aprendizagem de sistemas reversíveis, como o da escrita, só acontece a partir dos sete ou oito anos de idade, quando o conhecimento se constrói no indivíduo de uma forma já operacional, embora ainda preso às percepções sensoriais. Essa idade mencionada representa uma média, portanto algumas crianças poderiam se mostrar capazes de descobrir a leitura antes por apresentarem as citadas características operacionais, outras depois, mas elas seriam a exceção, não a regra.

Na construção das produções escritas das crianças surdas a metodologia levou em conta o conceito piagetiano de que a criança ao se apropriar de um sistema de representação, o reinventa, isto é, reproduz sua construção através de hipóteses, nas tentativas de utilização dos símbolos, diferenciando os elementos e as relações do sistema de representação, bem como, estabelecendo a natureza do vínculo entre a representação constituída pelos símbolos arbitrários e seu objeto do conhecimento.

Da vivência em classe da criança, sempre influenciada por suas experiências familiares, e da comunidade onde se insere, surge à linguagem como meio de expressão de suas emoções e pensamento, desse contexto sociolinguístico vão surgir às oportunidades de leitura e escrita constituída pelos símbolos arbitrários e seu objeto do conhecimento.



O processo de alfabetização em *SignWriting* deve ter a preocupação de estimular as competências linguísticas inatas no indivíduo e levá-lo a adquirir a leitura e a escrita a partir de sua própria linguagem, de seu potencial e de motivações naturais.

Diferentemente da alfabetização na língua oral de seu país, que está escrita em toda parte, a criança surda não está exposta a uma escrita da língua gestual, esse é um dos motivos pelo qual a sensibilização à proposta de aprendizagem é essencial. A sensibilização deve incluir a participação ativa da criança, seja contando uma história, ou executando atividades imaginadas pelo professor que levem ao objetivo de sentir a possibilidade e a necessidade de uma escrita para representar os sinais.

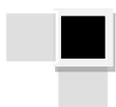
Depois da tarefa de sensibilização, começo a mostrar que o sinalizado pode ser escrito. Os símbolos do *SignWriting* vão aparecendo, aos poucos, inicialmente associados à narrativa. Sigo a ordem do manual para o ensino formal da escrita, mas essa ordem não limita o diálogo nem a satisfação das curiosidades e dúvidas que vão surgindo. Respondo às perguntas com a solução apropriada ao caso, não importa que essa solução só vá ser abordada formalmente bem mais tarde. A criança tem sua pergunta respondida e, embora não consiga captar bem todo o alcance da resposta, vai seguindo adiante. Gradativamente sua compreensão do sistema vai se ampliando.

Até agora, observamos detalhadamente, como um grupo de crianças surdas iniciou sua aquisição do sistema de escrita dos sinais pelo sistema *SignWriting* relacionando as etapas de aquisição do conhecimento propostas por Piaget que fundamentaram as etapas de alfabetização propostas por Ferreiro. Eram crianças da segunda série do ensino fundamental que já estavam em processo de alfabetização em português.

Para as crianças da educação infantil é necessária uma abordagem diferente daquela experimentada com as classes das crianças maiores, que já estão sendo alfabetizadas na língua oral.

Na pré-escola a leitura dos sinais escritos deve ser apenas uma leitura lexográfica, (memoriza a forma completa da palavra) símbolos escritos representando gestos e frases do interesse das crianças dessa idade, muitos cartazes com poucos símbolos escritos. Poderíamos também contar muitas histórias e mostrar os sinais grafados para que pudessem ir observando a escrita da língua de sinais em muitas situações.

Poderão trabalhar o *SignWriting*, familiarizando as crianças com essa escrita, que não aparece em todas partes, como aparece a escrita do português. Poderão construir cartazes com



desenhos e a escrita das duas línguas para que elas possam se habituar à ideia de que existe uma escrita para os sinais diferente da escrita da língua oral.

No exemplo abaixo, uma professora de educação infantil trabalhou junto a lateralidade direita x esquerda e a escrita do *SignWriting*. Os sinais escritos contam uma história que foi sinalizada e dramatizada antes pelas crianças. A história do carro.

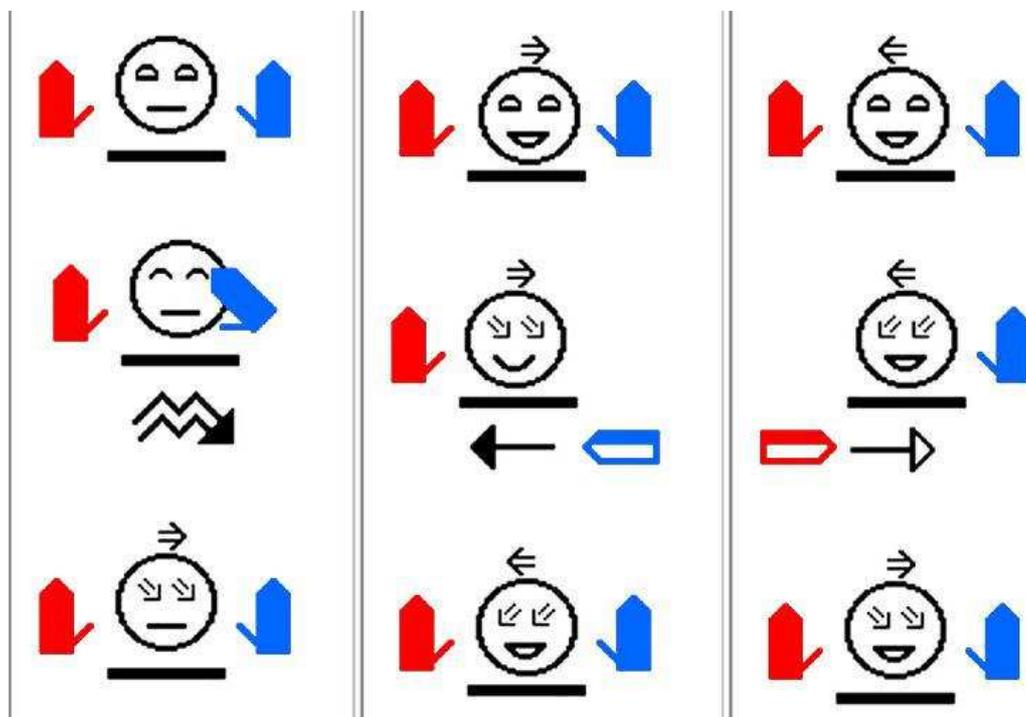


Figura: A história do carro

Quando formos trabalhar a aquisição do *SignWriting* com jovens ou com adultos a abordagem poderá ser mais formal, de acordo com seu estágio evolutivo. Podemos iniciar mostrando um livro escrito em *SignWriting*, contar a história da criação do sistema, explicar sua estrutura e funcionamento mostrando exemplos de alguns símbolos sugeridos pelo grupo, que construiremos no quadro. Vamos apresentar e distribuir o manual de escrita do *SignWriting*, ou um resumo dele, que mostre como construir os sinais pelo sistema *SignWriting*.

Nas aulas seguintes já poderemos trabalhar diretamente com a leitura e escrita dos sinais, observando o andamento das aprendizagens, incentivando a autonomia dos membros do grupo, ao mesmo tempo, a cooperação com os colegas. Promoveremos leituras, construção de frases e textos coletivos e individuais. Poderemos construir um dicionário bilíngue, historinhas e poesia. Podemos pedir que escrevam cartas uns aos outros ou para amigos distantes.



A criação de um ambiente cooperativo e envolvido com o mesmo interesse oferecerá naturalmente inúmeras sugestões de utilização da escrita dos sinais.



FIGURA: ELAS ESTÃO LENDO UMA CARTA EM *SignWriting* E SINALIZANDO

Estudantes de escola francesa Bilíngue da cidade de Toulouse

As aulas precisam ser planejadas e as atividades propostas para os alunos de acordo com o desenvolvimento e os recursos de cada grupo. No entanto, alguns procedimentos podem ser comuns a todos os grupos, principalmente os que envolvem a questão da identidade surda, que não é uniforme, mas possui traços comuns evidentes em qualquer grupo de surdos.

A criança surda, quando passa a fazer parte de uma comunidade surda, recebe pela segunda vez um nome próprio. Em seu grupo de surdos ela vai ser conhecida por um sinal particular que não tem qualquer relação com seu nome na língua oral de seu país. Os surdos têm muito aguçada sua percepção visual e sempre encontram algum traço característico que destacam e sinalizam. O consenso dentro do primeiro grupo surdo de convivência vai sancionar aquele sinal como sendo o nome da pessoa, que irá acompanhá-la para sempre, dentro das comunidades surdas. Por exemplo, meu nome é Marianne em português. Meu nome como membro de comunidade surda é escrito assim em *SignWriting*.



FIGURA: SINAL ESCRITO DE MARIANNE

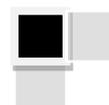


Para a criança surda, aprender a escrever seu nome em escrita de língua de sinais tem um significado importante para sua autoestima e possibilita sentir-se um sujeito surdo com identidade surda. Ela sente que não está só. Ela pertence a um grupo e tem um nome próprio dentro desse grupo que é uma marca de pertencimento. Uma criança surda que vive em uma família de ouvintes sente felicidade por estar adequada e incluída no grupo. Aprender a escrever seu nome surdo garante motivação e interesse, pois o significado dessa aprendizagem é carregado de emoção que ativa a mente. O nome surdo de cada criança escrito em *SignWriting* é uma das construções que todas as turmas com quem trabalhei fizeram em conjunto no quadro. Essa aprendizagem também influencia o relacionamento dos alunos entre si, assim como a forma de pensarem e refletirem a respeito de sentimentos de grupo e solidariedade.

A construção do símbolo escrito do nome de cada aluno em língua de sinais é uma atividade que deve ser proposta para todos os alunos que ainda não tenham feito essa construção, não importa a idade.



O oferecimento de um sistema democrático e participativo de vida, dentro da sala de aula, que respeita e olha o aluno, enxergando-o como ele é, a comunicação estabelecida em nossa língua natural para realizar um trabalho comum propicia que o próprio grupo gere regras de convivência e aceite com seriedade a necessidade de atenção e respeito para que se configure um espaço de trabalho produtivo. Nas produções infantis podemos observar como as crianças vão construindo sua escrita em *SignWriting*. Desenham os objetos, desenham mãos sinalizando, começam a observar os símbolos apresentados pela professora e vão conseguindo diferenciá-los



qualitativa e quantitativamente. Compreendem que eles correspondem aos sinais da língua de sinais e aprendem a estabelecer correspondência entre os sinais e os símbolos do *SignWriting*.

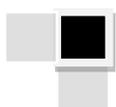
A decomposição do sinal escrito, relacionando os diferentes elementos gráficos mínimos, representados pela escrita, com os elementos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semântico-pragmáticos da língua sinalizada permite ao aprendiz compreender o processo e tentar construir sua própria escrita.

A escrita da língua de sinais capta as relações que a criança estabelece com a língua de sinais. Se as crianças (surdas) tivessem acesso a essa forma de escrita para construir suas hipóteses a respeito da escrita, a alfabetização seria uma consequência do processo. À partir disso, poder-se-ia garantir o letramento do aluno ao longo do processo educacional (QUADROS, 2003).

As trocas simbólicas se constituem no elemento imprescindível para o desenvolvimento da representação por permitirem ao sujeito a interação afetiva com o meio. Não é a falta da língua em si que produz atraso cognitivo no surdo, mas a limitação em realizar trocas simbólicas com seu meio, provocado pela falta de um instrumento simbólico e de um ambiente adequado capaz de solicitá-lo e de exercitar sua capacidade representativa.

A limitação na aquisição da língua oral, mesmo na sua representação escrita constitui uma barreira a todas as aprendizagens escolares, fato exaustivamente relatado pelos professores de surdos.

Não é diferente a interpretação de Piaget (1970) que, pela análise de várias condutas representativas, sugere a existência de elementos comuns entre elas e denomina esse mecanismo função semiótica, que é comum a todas elas. A interação entre as diversas condutas representativas como desenho, escrita e língua oral evidencia-se nas transformações que ocorrem, ao mesmo tempo, em cada uma dessas representações e isso acontece porque todas são processos do mesmo sujeito. Esse sujeito Piagetiano que constrói o conhecimento por meio de suas interações com o objeto, e ao mesmo tempo constrói-se como sujeito, numa interdependência contínua entre a experiência e a razão.



Experiência com os pais das crianças surdas, fragmentos do Diário de campo, comentários e depoimentos sobre o *SignWriting*

Ilustro, agora, como pode ser a abordagem do ensino do sistema *SignWriting* para um grupo de alunos adultos, com a narrativa de uma experiência que realizei com pais de crianças surdas:

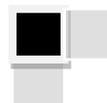
Na sala do auditório em cima da Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico, fiz hoje, uma apresentação para os dezoito pais e duas irmãs de surdos. Não esperava tantas pessoas interessadas na aula de escrita de língua de sinais.

Todas as terças-feiras, das 13h30min até 14h15min horas esse grupo tem aula de língua de sinais com uma professora surda de Libras. Tem uma mãe que assiste pela primeira vez a aula. Os outros sabem um pouco da língua e alguns sabem a língua em nível médio. Só um casal do grupo tem um filho que estuda com a mesma professora que ensina língua de sinais.

Expliquei aos familiares o que eu faço na Escola de Ensino Fundamental Frei Pacífico e também sobre a minha pesquisa. Que trata de como as crianças surdas adquirem a escrita de sinais pelo sistema *SignWriting*. Mostrei o livro de *Uma menina chamada Kauana* e o manual de *SignWriting* para todos, que puderam observar e manusear. Comecei a escrever os símbolos básicos de configurações das mãos no quadro e a mostrar como eles reproduzem os sinais. *Site* contém o livro: *Uma menina chamada Kauana*.



Fonte: <http://signwriting.org/library/children/uma/uma.html>

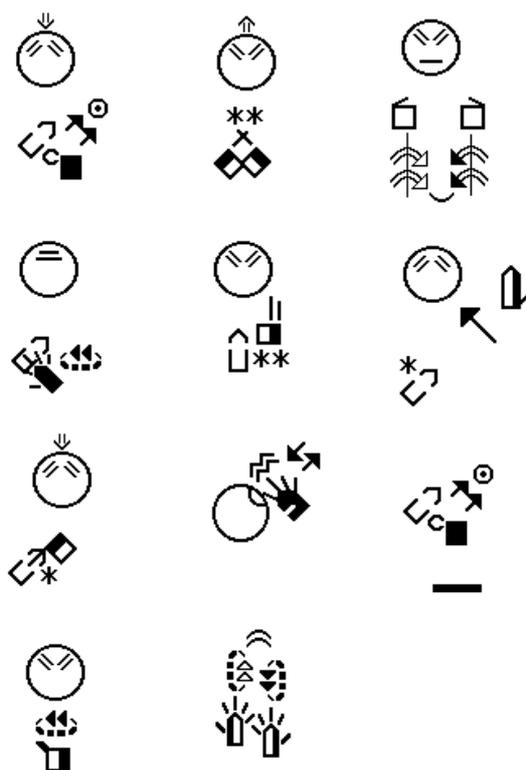


Uma mãe perguntou como escrever o sinal “surdo” e outro sinal “ouvinte”, expliquei como o símbolo tem a sua correspondência com as configurações das mãos. Algumas mães haviam visto os materiais de escrita de língua de sinais de seus filhos, mas não sabiam o significado, puderam entender o que é.

Mostrei como é o ponto de vista expressivo com os símbolos no quadro e eles acompanhavam com as mãos, algumas mães copiaram em seus cadernos. Algumas querem comprar o manual de *SignWriting*, que infelizmente ainda não foi editado e não temos para vender. Iremos reproduzindo e entregando o material no decorrer das aulas.

Estudo de expressões literárias da cultura surda

Leitura em escrita de sinais:

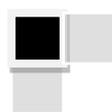
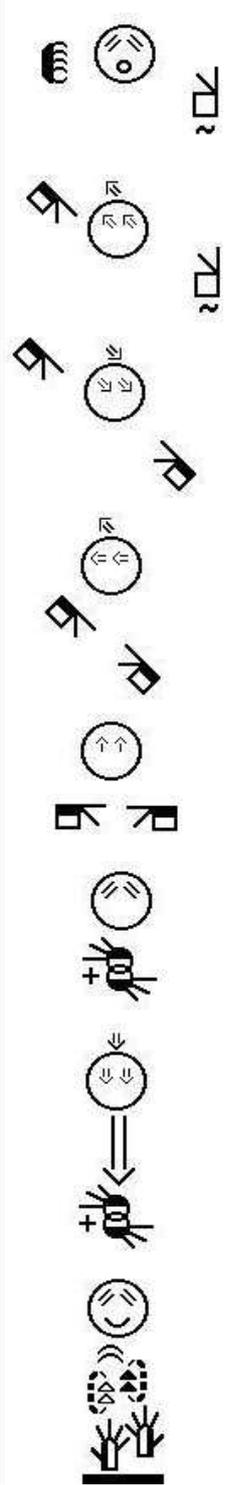
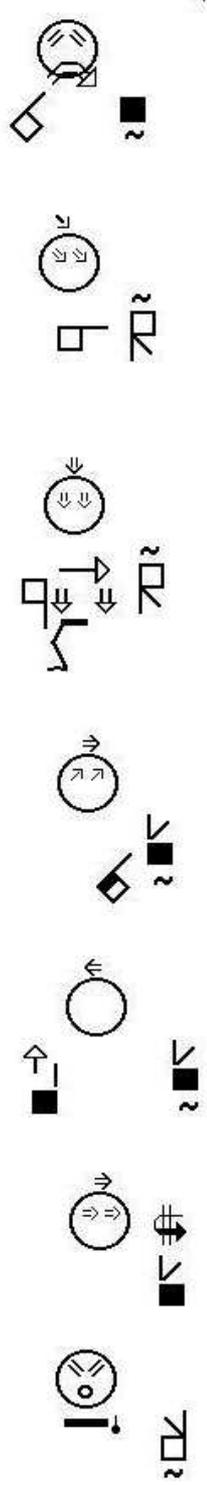
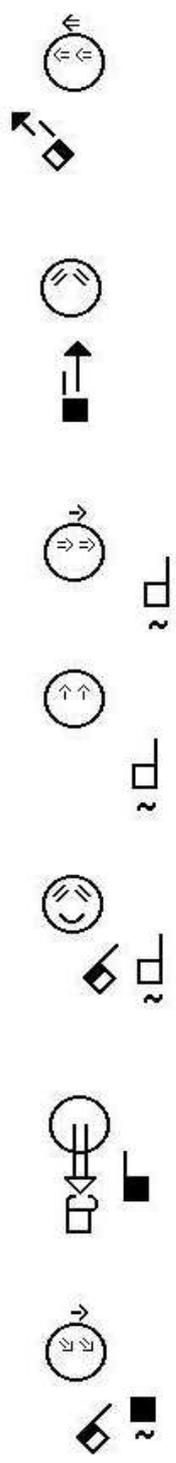
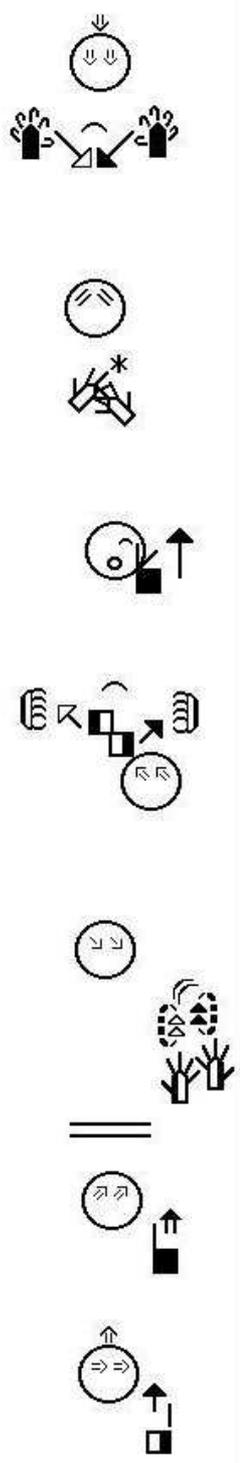
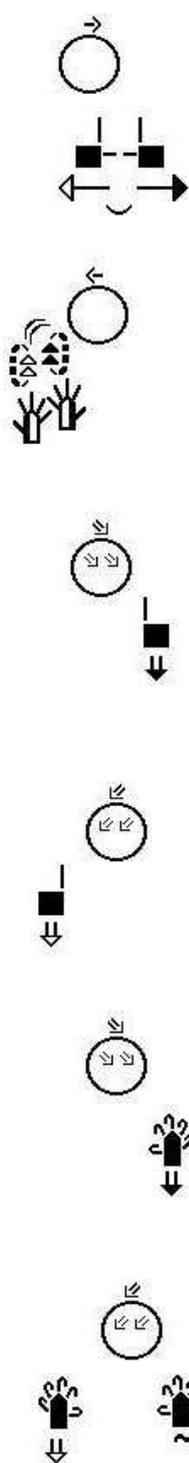


Tradução para o português

Por que a escrita?

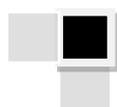
Devemos escrever os gestos sempre diretamente daquilo que foi pensado. A transmissão direta do pensamento é importante para a escrita da língua de sinais.

Poesia Metalinguística em escrita de sinais: criação de alunos franceses

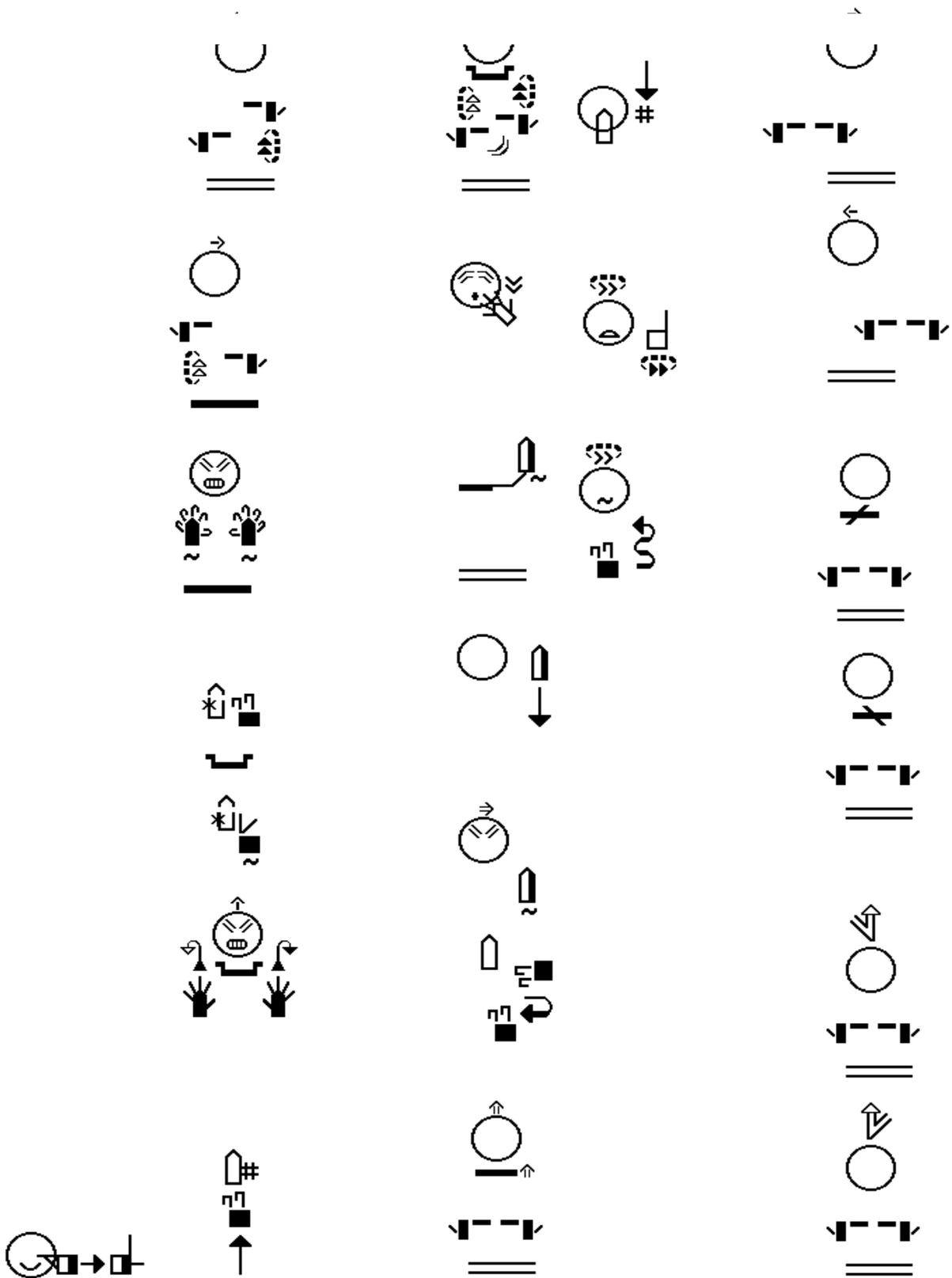


Tradução para o português

A língua é direita
Os sinais são esquerdos
Aqui, aqui, aqui
Língua à direita
Sinal à esquerda
Juntando as duas áreas
O olhar, o pensamento, os sinais
Aqui os sinais, é isso
Do outro lado você
Que olha a pessoa
Aquela pessoa
O corpo da pessoa, aquela cabeça, a face
Aqueles duas pernas
Olha para os lados
Para o esquerdo e aponta você
Olha para mim
Meu ombro para a frente
A mão aberta em sinal de olhar
Dois sinais para o olhar
A cabeça para a esquerda
Os dois olhos para a frente
A união de todo corpo
Junto a sinalizar
Ponto final



Narrativa: história do gato



O GATO

Era uma vez, um lindo gatinho que caminhava manhosamente e ao deparar com um espelho, refletindo sua imagem, resolve checar como poderia aquilo acontecer, parecia que a imagem discutia com o bichano, quando ele olhava no espelho.

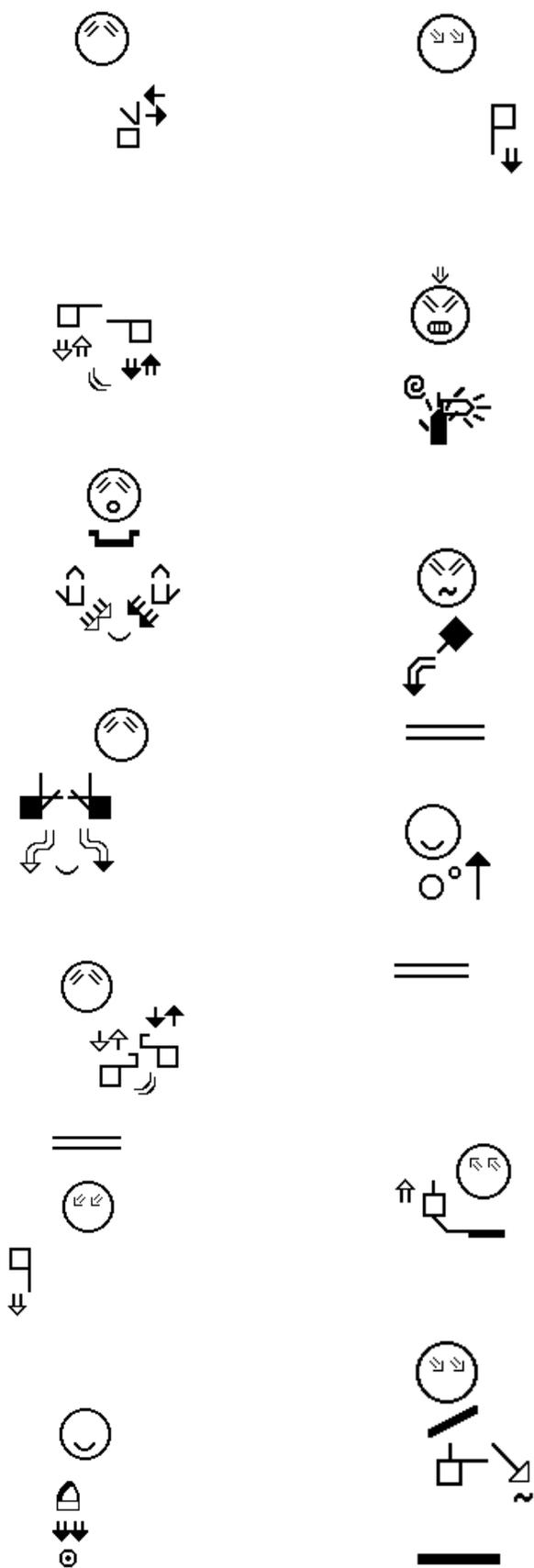
Quando parou em frente ao espelho, resolveu fazer uma brincadeirinha, olhou de um lado para o outro, assim foi uma vez, balançando a cabeça de um lado e o corpo de outro, mais vez, o ombro e a cabeça, e outra vez o corpo, e por fim arranhando com a patinha, primeiro a direita e depois a esquerda, para ver o que se acontecia.

Nesse vai e vem o gatinho levou um susto, ficando todo arrepiado. Quando se aproximou do espelho, bate com tudo , mas com o grande susto ele resolve recuar, quando retorna para ver o seu inimigo no espelho, bate dessa vez com o focinho no espelho, ficou tão tonto que quando saiu caminhando, foi andando de um lado para o outro, tontinho. Miauuuuuu!!!

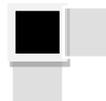
Traduzido por Ringo Bez de Jesus



Mensagem para reflexão:



Agora, nós vamos discutir sobre a paz e a guerra.
Na paz, temos a vida, isso é bom.
Já na guerra, há destruição, isto é ruim.
A paz é melhor do que a guerra.



Glossário

A proposta do glossário é tornar o conteúdo atual do glossário público e acrescentar-lhe funcionalidades a fim de facilitar a busca dos sinais. Ele é indexado por matérias ou temas

A base para construção do glossário se dá através do sistema de escrita de sinais *SignWriting*, localizações do sinal, do *SignWriting*. Utilizamos 10 grupos de configuração de mão e cada grupo tem suas configurações específicas totalizando 261 configurações. Ainda com o *SignWriting* podemos realizar a busca através de um símbolo base informado e termos como resultado todos os sinais que utilizam aquele símbolo.

Nas localizações os pesquisadores de Libras encontraram 11 possíveis localizações que um sinal pode tomar. Categorizando os sinais com estes atributos podemos agora pensar em realizar buscas através da filtragem dos mesmos sendo em separado ou um conjunto deles.

c) objetivos e metas a serem alcançados;

Objetiva a ampliação do glossário para constituição de um *corpus* de libras abrangente e consistente para atender às carências de vocabulário da língua oferecendo um registro da experiência de vida das comunidades surdas brasileiras. O propósito é o de ampliar os léxicos a pessoas surdas, intérpretes de libras, pesquisadores e professores na área de educação, linguística e tradução e interpretação.

Ampliar as possibilidades de acesso das pessoas surdas e ouvintes aos serviços de Tecnologia da Informação – TI. Envolver estudantes, professores e pesquisadores, fluentes em Libras.

O projeto do Glossário Letras Libras GLL - surgiu em 2007 da necessidade dos alunos do curso a distancia da UFSC pelo surgimento de muitos signos linguísticos novos ocasionados pelo acesso inaugural dos surdos a vocabulários científicos antes inexistentes em sua língua, bem como, pela multiplicidade de diferentes contribuições regionais observadas no desenrolar do curso.

O glossário então constituído funcionava dentro do sistema fechado do curso a distancia. Em 2009 com o primeiro curso de letras libras presencial, os alunos desse curso e também, os alunos de pós-graduação em linguística da língua brasileira de sinais, passaram a ter acesso ao glossário *online* que os alunos do curso a distancia tinham em seu ambiente. Logo essa

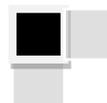
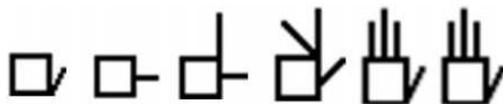
necessidade se estendeu a toda a comunidade acadêmica envolvida e depois a comunidade surda em geral.

Um sinal em Libras tem várias características. Utilizamos estas para realizar a busca linguística do sentido Libras->Português e ainda, outro filtro de busca que o *software* possibilita pelo alfabeto base do sistema *SignWriting* de escrita das línguas de sinais. A confecção do glossário tem um sistema administrativo e de gerenciamento de sinais que possibilita sua edição e inserção.

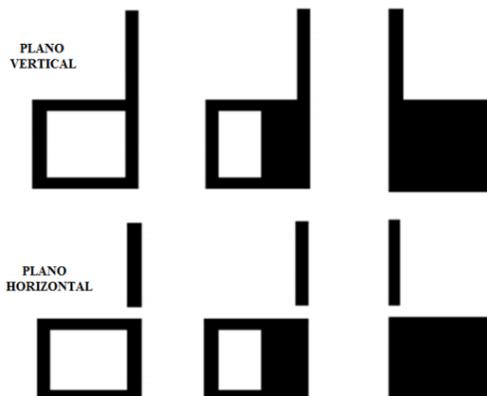
A pesquisa de sinais do glossário poderá ser feita pela escrita de sinais, a partir das convenções do *International SignWriting Alphabet*, pelo nome em português (tradução em português, pode haver mais de uma). Pelos grupos de configuração de mão em conjunto de uma configuração de mão do grupo, pela localização do sinal, ou ainda pelo conjunto das anteriores.

Construção de dicionário escrita de sinais

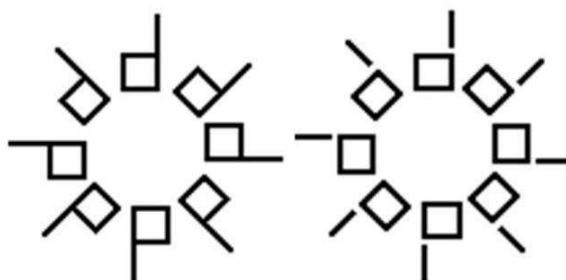
O sistema de escrita *SignWriting* foi desenvolvido por Sutton em 1981, com algumas alterações. A organização se dá por dois eixos, sendo no eixo paradigmático definido a posição de cada dedo, a ordem fica a partir dos dedos fechados até os dedos estendidos como se vê seguir:



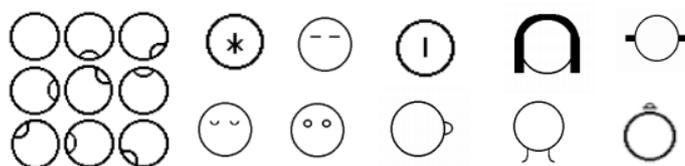
A orientação da palma foi estabelecida no plano vertical primeiro com a palma para frente do sinalizador, seguindo de lado para o sinalizador e terceiro com o dorso para o sinalizador, ocorre da mesma forma no plano horizontal sendo a ordem primeiro no plano vertical e depois no plano horizontal:



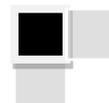
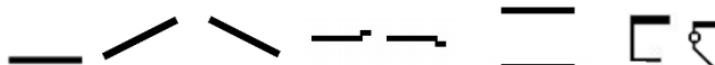
Em seguida a direção da mão fazendo a mesma sequência, primeiro na vertical e depois na horizontal, iniciando como se fosse um relógio analógico a meia noite só que a sequência é no sentido anti-horário, como se vê abaixo:



Para o ponto de articulação (PA) a ordem estabelecida pela autora começa da cabeça para baixo do corpo, sendo os pontos da cabeça estabelecidos aleatoriamente:



Depois a ordem dos pontos dos membros foi estabelecida a partir de sua proximidade da cabeça:

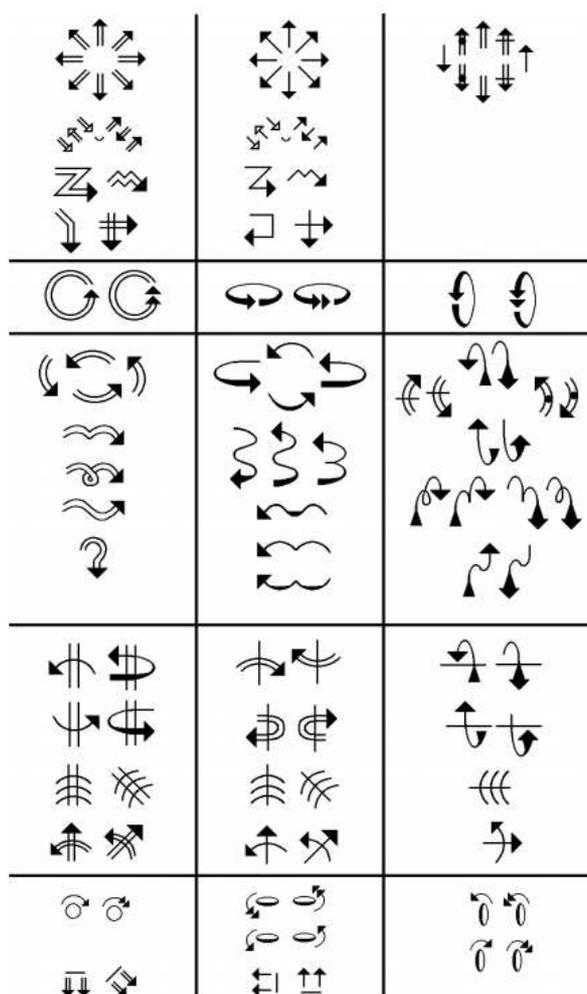


Os movimentos podemos dividir em três grupos, os movimentos externos à mão, os movimentos internos à mão e os movimentos sem mão.

As três colunas em vertical têm três tipos de movimentos, os símbolos de movimento na primeira coluna estão posicionados em relação à parede, por exemplo, para cima, para baixo com as setas duplas. A segunda coluna, os símbolos de movimentos podem ser posicionados em relação ao chão, por exemplo, para frente, para trás e na terceira coluna, os símbolos de movimentos se movem em diagonais para cima, para baixo, para frente e para trás.

As três colunas têm os vários movimentos divididos em 5 partes. A primeira parte são os movimentos comuns para cima, para baixo, para frente e para trás. A segunda parte são movimentos curvos, círculos e rotação.

Na terceira parte também estão movimentos curvos, mas não por completo apenas a metade. A quarta parte são movimentos dos antebraços como de quebra. A quinta parte são movimentos pouco usados do como o movimento de pulso, bem curto.

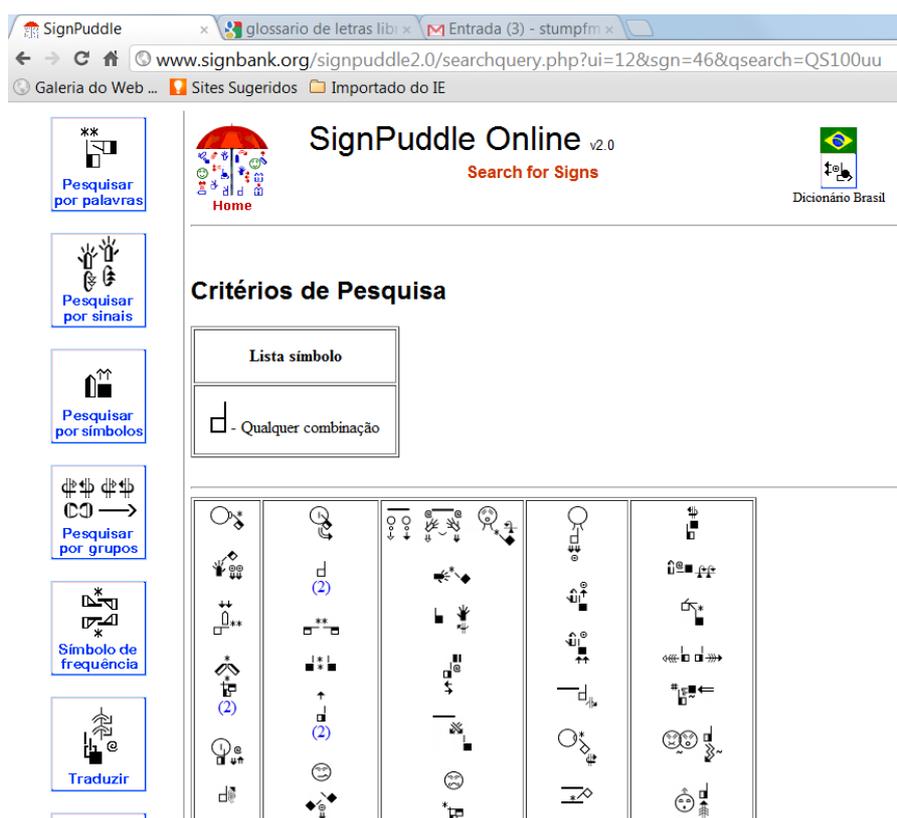


E por fim os contatos

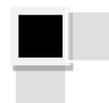


Discutir a “ordem visográfica” das línguas de sinais para se pensar a alfabetização se faz importante quando o tema é “alfabetização” de surdos. Os surdos antes de aprender o português como segunda língua tem que ter adquirido a língua de sinais e uma escrita sistematizada de forma alfabética tornará esse aprendizado ainda mais eficaz.

O site de *SignWriting* dos EUA produziu os materiais e as informações. Podem visitar o site www.signwriting.org onde consta o link de *SignPuddle Online* que tem vários dicionários de línguas de sinais de vários países.



Encontre a bandeira do país Brasil no *site* de *SignPuddle Online* onde aparece uma lista de vocabulário em libras. Pode pesquisar por palavras ou pesquisar por sinais.



Pesquisas sobre a escrita de sinais no Brasil

Trabalhos acadêmicos que legitimem na forma da produção científica a escrita de língua de sinais ainda são poucos no Brasil e alguns têm muita resistência na pós-graduação que tem pouco conhecimento para orientar e buscar os conhecimentos. Contexto das universidades diferenciadas estão engajando acolher o sistema *SignWriting*.

Pesquisa Autor/a Instituição/ano

SW Service: uma biblioteca para a escrita da Língua Brasileira de Sinais baseada em *Web Services* (Dissertação concluída) Vinícius Costa de Souza 2005 Curso de Informática – Unisinos 2005.

O Processo de Apropriação da Escrita da Língua de Sinais e da Escrita da Língua Portuguesa no enfoque da Informática na Educação de Surdos (Dissertação concluída). Cristiane de Barros Castilho Loureiro Faculdade de Educação – UFRGS 2004.

(Re)pensando o uso de Libras e Signwriting: uma experiência com mapas conceituais (Dissertação concluída) Lisiane Mallmann - Educação Ambientais – ULBRA 2009.

Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: línguas de sinais no papel e no computador (Tese de doutorado) Marianne Rossi Stumpf - Informática na Educação UFRGS 2005.

Um Framework para suporte à Educação Bilingue a distancia de surdos. (Tese de doutorado) Márcia de Borba - Informática na Educação da UFRGS 1996.

Uso de fóruns para o estudo da escrita da língua de sinais no curso de Licenciatura Letras Libras em Educação a Distância (Dissertação concluída) Gerarda Neiva Cardins Gomes, Universidade Federal do Ceará – Universidade do Paraná - Mestrado Profissional em Tecnologias da Informação e Comunicação na Formação em EAD 2009.

Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: *Signwriting* (Dissertação concluída). Fábio Irineu da Silva - Mestre em Educação da UFSC 2009.

Construção da leitura/escrita em língua de sinais de crianças surdas em ambientes digitais (Dissertação concluída). Creice Barth - Mestre em Educação da UFRGS 2008.

Escrita da língua de sinais em comunidades do *Orkut*: marcador cultural na educação de surdos (Dissertação concluída). Carla Tatiana Zappe - Mestre em Educação da UFSM 2010.

Processo de grafia da língua de sinais: uma análise fono-morfológica da escrita em *SignWriting* (Dissertação concluída). Rundesth Saboia Nobre - Mestre em Linguística da UFSC 2011.

Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudo de casos com alunos surdos da educação básica e universitários surdos e ouvintes. (Dissertação concluída). Débora Campos Wanderley - Mestre em Linguística da UFSC 2012.

Escrita de Sinais e Português Brasileiro: um estudo de elos coesivos em textos em relação tradutória (Dissertação em andamento). Franz Kafka Porto Domingos – Mestrando em Estudos de Tradução da UFSC 2012.

Depoimentos de universitários ouvintes sobre a Escrita da Língua de Sinais (Dissertação concluída). Letícia Fernandes - Mestre em Linguística da UFSC 2011.

Análise discursiva dos estudos surdos em educação: a questão da escrita de sinais (Dissertação concluída). Maria Salomé Soares Dallan - Mestre em Educação – Universidade São Francisco 2012

A escrita da língua de sinais currículos de Escolas de Surdos (Dissertação em andamento). Erika Vanessa de Lima Silva - Mestranda em Educação – UFRGS 2012.

Referências

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo. Editora Scipione, 2002.

CAPOVILLA, Fernando César, Walkiria Duarte Raphael. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trinlígüe da Língua de Sinais Brasileira**, Volume II, Sinais de M a Z. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

KARNOPP, Lodenir; QUADROS, Ronice Müller de. *Educação infantil para surdos*. In: ROMAN, Eurilda Dias, STEYER, Vivian Edite (Org.) **A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado**. Canoas. 2001.

ESTELITA, Mariângela. **Por uma ordem “alfabética” nos dicionários de língua de sinais**, – Estudos Surdos IV. Ronice Muller de Quadros e Marianne Rossi Stumpf (orgs). Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

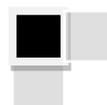
FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001. 24 ed.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERNANDES, Eulália. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre. Editora Artmed, 2003

GARCIA, Brigitte. *Ecrits sur la langue des signes française*. Editora L'Harmattan, Paris, 1995.

_____. **Contribution à l'histoire dès débuts de la recherche linguistique sur la Langue des Signes Française**. Les travaux de Paul Jouison. Paris, França. (Tese de doutorado – Faculdade de Ciência Humana e Social). Université Paris V – René Descartes. 2000.



GIORDANI, Liliane F. "Quero escrever o que está escrito nas ruas": representações culturais da escrita de jovens e adultos surdos. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

GOÉS, Maria Cecília; LOPES, Patrícia. **Leitura e Escrita no contexto da diversidade**. Mediação, Porto Alegre.

GOUGH, P.B. **One second of Reading, International Reading Association**, 1976. p.509 – Newark, USA

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997.

NOBRE, Rundesth. **Processo de grafia da Língua de Sinais: Uma análise fono-morfológica da escrita em signwriting**. Santa Catarina, 2009.

SILVA, Erika Vanessa de Lima. **A escrita da língua de sinais nos currículos escolares para surdos**. Projeto de dissertação de mestrado, UFRGS, 2012.

SILVA, Fabio. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: Signwriting**. Florianópolis, 2009.

SILVEIRA, Carolina Hessel. **O Currículo de língua de sinais na Educação de Surdos**. UFSC: Dissertação de Mestrado, 2006.

SUTTON, Valerie. **SignWriting: Manual**. [online] disponível em www.signwriting.org, 1996. Consultado em outubro de 1996.

STROBEL, Karin. **Uma menina chamada Kauana**. Tradução: STUMPF, Marianne R.; COSTA, Antônio Carlos da Rocha. Rio de Janeiro: FENEIS, 1997.

STUMPF, **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador**, Porto Alegre, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos da Defectologia**. Obras Completas Tomo 5.. Havana: Pueblo y Educación, 1989.

WANDERLEY, Débora. **Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudo de casos com alunos surdos da educação básica e universitários surdos e ouvintes**. 2012, Florianópolis, SC.

